



**HAL**  
open science

# Modernos e Passadistas: Os Primeiros Escritos de Rachel De Queiroz e a Escrita de Mulheres no Brasil (1927-1930)

Natalia Guerellus

► **To cite this version:**

Natalia Guerellus. Modernos e Passadistas: Os Primeiros Escritos de Rachel De Queiroz e a Escrita de Mulheres no Brasil (1927-1930). II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, 2009, João Pessoa, Brazil. hal-04265928

**HAL Id: hal-04265928**

**<https://hal.science/hal-04265928>**

Submitted on 31 Oct 2023

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



# II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais

*Culturas, leituras e representações*

1

## **MODERNOS E PASSADISTAS: OS PRIMEIROS ESCRITOS DE RACHEL DE QUEIROZ E A ESCRITA DE MULHERES NO BRASIL (1927-1930)**

Natália de Santanna Guerellus  
Universidade Federal Fluminense

### **Resumo**

Rachel de Queiroz, uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX é sempre lembrada pela publicação de seu primeiro romance: *O Quinze*, de 1930. Surpreendendo com este livro o ambiente intelectual do Centro-Sul do país a autora já era no entanto figura conhecida do caderno literário do jornal *O Povo*, desde pelo menos 1928. Seus primeiros escritos demonstram os passos iniciais de uma autora que começou a escrever como a maior parte das mulheres de sua época, compondo poemas e pensando a própria identidade feminina. Neste sentido, o presente trabalho procura discutir a inserção de Rachel de Queiroz na imprensa antes da publicação de seu romance de maior repercussão, procurando articular história, literatura e gênero. Para isso utilizamos os textos da autora, artigos de jornal, biografia e entrevistas.

**Palavras-chave:** Relações de Gênero, Escrita de Mulheres, Rachel de Queiroz.

### **Introdução**

*Minha pergunta, se havia, não era:  
“que sou?”, mas “entre quais eu sou?”*  
C. L.

Qualquer biografia, artigo, crítica literária, antologia, manual didático, entrevista ou resumo de internet acerca de Rachel de Queiroz nomeará *O Quinze*, publicado em 1930, como seu primeiro e mais importante romance, um fenômeno que foi pontapé inicial para sua inserção no ambiente literário brasileiro. Alguns definem o livro como “milagre”, como genial ou como pioneiro dentro de uma literatura regionalista moderna.

Como afirma Wilson Martins (2002, p.75), há que se entender de que literatura e de que modernismo se trata, porque há uma inflexão determinante nas correntes literárias e ideológicas de onde provinha Rachel de Queiroz: de um lado, o modernismo literário, urbano e estetizante dos anos 20, que não soubera escrever o romance idealmente contido em seu programa, e do outro o então ascendente regionalismo esquerdizante do Nordeste, com sua crítica social, tradicionalista e politizado.

O fato é que, quase oitenta anos depois da publicação do *O Quinze*, a memória não especializada construída sobre Rachel de Queiroz tende a reduzir sua produção à



## II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

2

publicação deste livro. Isto apesar de quase todos os seus outros romances terem alcançado sucesso de crítica à época de suas respectivas publicações e apesar da autora ter dedicado a maior parte de sua carreira à escrita de crônicas.

Também poderia-se pensar esta memória de Rachel como contraponto à idéia desenvolvida pela crítica literária Joana Russ (1983, p.65) quando examinou a recepção às obras de mulheres nos Estados Unidos e Inglaterra na primeira metade do século XX. Segundo a pesquisadora, criou-se um mito pelas antologias literárias até meados do século XX, chamado pela autora *the myth of the isolated achievement* ou mito da produção isolada, única. Segundo esta idéia, as antologias – excludentes por excelência –escolhiam, entre os textos de autoria feminina, aquelas obras que mais reforçavam o estereótipo do que a mulher poderia ou deveria escrever.

O caso de Rachel foi e ainda hoje é diferente pois a imagem da autora foi consolidando-se como uma oposição ao estereótipo da literatura feminina, é uma mulher que não escreve como uma mulher ‘normalmente’ escreve. Assim afirma Augusto Frederico Schmidt acerca de *O Quinze* em agosto de 1930:

Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe.

É que não tem apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção – e isto a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fôsse apenas um nome escondendo outro nome (SCHMIDT, 1930).

Assim permaneceu a imagem de Rachel de Queiroz como escritora séria, distante de uma escrita melosa, existencial, sentimental que seria característica da ‘literatura feminina’ até então<sup>1</sup>. No entanto, a autora nunca deixou de pensar e refletir um imaginário acerca da mulher de sua época. Basta pensar na força que a personagem Conceição tem no *O Quinze* como um todo, na independência que assume, na maternidade sem casamento, na busca por formação educacional e profissional. Seguindo adiante no tempo *As três Marias*, livro publicado na mesma década e tido por Jaime de Barros (1940, p.53) como o melhor romance de 1939, é de tema quase exclusivamente sobre o mundo social e cultural feminino. No entanto este é um dos

---

<sup>1</sup> Percebe-se que o estereótipo da literatura feminina é utilizado por Schmidt tanto para uma literatura escrita por mulheres como para uma literatura consumida por elas. Além de tudo, este não é um conceito, é resultado do senso comum acerca do que atribuíam-se como feminino na literatura.



livros ainda hoje pouquíssimo lembrado na memória não especializada sobre Rachel de Queiroz.

Neste sentido, pensar o tempo anterior ao *O Quinze* é ainda mais arriscado, é explorar uma trajetória para além da origem, para além do ponto zero, é deparar-se com uma jovem cearense ainda em amadurecimento intelectual, profissional, pessoal. É adentrar o mundo anterior ao grande nome Rachel de Queiroz e compará-la com a trajetória de muitas outras mulheres que buscaram na escrita profissional uma forma de expressão, de protesto, de reflexão, mas que não alcançaram, por múltiplos motivos, o sucesso literário que Rachel alcançou.

Sendo assim, procurando pensar a obra e a biografia de Rachel de Queiroz através do conceito de gênero, este trabalho analisa a trajetória da autora cearense até a publicação do *O Quinze*, alçando um olhar histórico sobre seus primeiros escritos, publicados em jornal entre 1927 e 1930. Para isso utilizou-se como fonte os periódicos “O Povo” e “O Ceará”, além de biografias e autobiografia, entrevistas e críticas literárias.

Com o desenvolvimento dos estudos de gênero e sua utilização enquanto instrumento útil para a análise histórica<sup>2</sup> é que Rachel de Queiroz pode ser repensada no âmbito acadêmico como peça fundamental na consolidação de uma escrita de mulheres no Brasil e na história da profissionalização da mulher enquanto escritora.

\*\*\*

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza a 17 de novembro de 1910, filha de Clotilde Franklin e Daniel de Queiroz. Pela parte materna, descendente dos Alencar, inclusive José de Alencar, linhagem de quem a autora aprendeu a valorizar a erudição e o conhecimento das línguas, mas pouco afeita à instrução formal e regular.

Já sua ascendência paterna pertencia à família Queiroz, dona de terras e com influência política. A carreira jurídica possibilitou a Daniel de Queiroz e sua família

---

<sup>2</sup> Sobre a importância do conceito de Gênero para a historiografia ver: SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, n. 16(2), jul/dez, 1990; PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005; SOIHET, R. & PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.27. n.54, p.281-300, 2007.



## II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

4

constantes mudanças e viagens, habitações e relações firmadas em diferentes lugares do país, como Rio de Janeiro, Pará, Fortaleza. Esta mobilidade é muito importante uma vez que o fato de a mulher extrapolar o espaço do lar e de uma região específica pode abrir um caminho mais amplo de expectativas e realizações no começo do século XX (ELEUTÉRIO, 2005, p.62).

Nesse sentido, para a maior parte das mulheres que escreviam à época, a família era o pólo norteador do desenvolvimento intelectual, o que permite concluir que o convívio familiar e os amigos compunham então um círculo decisivo para a mulher letrada no qual a literatura integrava e credenciava negócios na área da cultura e da educação. Os homens das letras viviam praticamente da imprensa e de seus cargos burocráticos para financiar suas obras. As mulheres, não tendo a possibilidade de cargo burocrático, precisavam valer de tais relações sociais e de amizade (ELEUTÉRIO, *Op. Cit.*, p.89). Foi mesmo por estas relações que Rachel de Queiroz começou a participar do ambiente intelectual cearense da década de 1920.

Após a eleição de Suzana de Alencar como Rainha dos Estudantes Cearenses de 1927, Rachel então com dezesseis anos, escreveu um carta à edição do jornal *O Ceará*, comandado por Júlio de Matos Ibiapina. A carta assinada por uma tal Rita de Queluz é, no entanto, publicada no jornal:

Minha graciosa Majestade:

Quero primeiro dar-lhe os parabéns calorosos pelo triunfo que sua bela inteligência de mulher culta alcançou sobre a dolorosa mediocridade de nossas melindrosas.

Nada mais justo que o ato das classes estudiosas do Ceará, elegendo-a. Mas, agora que vais ter sobre a fronte o diadema real, pergunto-me se são de fato os parabéns que lhe devo dar.

Não os acha mal cabidos, dada a atual desvalorização do sangue azul?

E já pensou quantos inconvenientes acarretam atualmente o cetro e a coroa?

(...)

É por isso que avento a idéia de lhe mudarem o título: e em vez de ser chamada “Sua Majestade Suzana I, Rainha dos Estudantes Cearenses”, proclamem-na “Chefe do Soviet Estudantal do Ceará”

Rita de Queluz (O CEARÁ, 1927)

Não é à toa que a carta tenha feito tanto sucesso na redação de *O Ceará*. Além do tom jocoso e inteligente, articulando a idéia de majestade em plena modernidade e república brasileira, a autora da carta atingiu o coração da redação. *O Ceará* tinha sido fundado pouco tempo antes como expressão do chamado *jornalismo independente*,



afastando-se dos periódicos mais partidários e opondo-se ferozmente a periódicos católicos, como o *O Nordeste*.

Tendo, portanto, impressionado Ibiapina já nesta carta, o texto de Rachel foi em seguida reconhecido por amigos em comum. Desta forma dá-se a inserção de Rachel na imprensa cearense. Tendo escrito mais alguns artigos para *O Ceará*, a autora é logo chamada para cooperar com a coluna literária *Modernos e Passadistas*<sup>3</sup>, no recém inaugurado *O Povo*.

Este último foi fundado por Demócrito Rocha e Paulo Sarasate em 7 de janeiro de 1928 e até hoje é um dos mais importantes e tradicionais jornais cearenses. Demócrito já trabalhava com Ibiapina no *O Ceará* e neste começo de edição seu jornal tinha alguns propósitos parecidos com o jornal do amigo e incluía sessão literária semanal que publicava poemas, crônicas e artigos de autores tanto do norte como do sul do país. Entre eles destacam-se Beni de Carvalho, Antonio Salles, Lucio Varzea, Peregrino Junior, Mário de Andrade, Jader de Carvalho, Raul Machado. As mulheres também eram personagens frequentes, destacando-se entre elas a própria – até então – Rita de Queluz, Suzana de Alencar Guimarães, Maria Eugênia Celso.

O ambiente jornalístico, portanto, possibilitou o contato de Rachel com outras mulheres escritoras e suas opiniões e reivindicações públicas, além da aquisição de uma linguagem jornalística, característica que a acompanharia ao longo de todas as suas obras. Afirma Heloisa Buarque de Hollanda que, também neste jornal, no ano de 1928, a então jornalista Rachel de Queiroz, travara diálogos com Maria Lacerda de Moura<sup>4</sup>, a qual elogia a novata por seu comprometimento com a causa social, enquanto Rachel defende, por sua vez, a reivindicação de Lacerda de Moura pelo voto (HOLLANDA, 2002, p.111).

É preciso observar que o diálogo de Rachel com a escritora anarquista foi feito em época de grandes discussões públicas acerca do voto e da educação da mulher, sendo Maria Lacerda de Moura uma das maiores representantes dessa polêmica. Mesmo que,

---

<sup>3</sup> Seria interessante pensar no título desta página literária, que revela realmente a mistura de jovens e consagrados autores do ambiente intelectual cearense de começos do século, marcados pela tensão entre as propostas de uma modernidade e as tradições intelectuais regionais.

<sup>4</sup> Maria Lacerda de Moura foi um importante nome na luta feminina pelo sufrágio universal, além de debater publicamente temas como o divórcio, a liberdade sexual e outros assuntos tabu do começo do século XX. Ver: LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura**. Ensaio 112. São Paulo: Editora Ática, 1984.



## II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

6

após este período, Rachel tenha se oposto às reivindicações feministas, é insofismável que as questões levantadas por este grupo tenham influenciado as mulheres em geral, provando porque os romances posteriores de Rachel de Queiroz desenharam personagens femininas bem radicais para sua época (HOLLANDA, *Op Cit.* p.113).

De fato as discussões sobre a modernidade e os ideais republicanos pairava no imaginário cearense da década de 1920. O ambiente intelectual fortalezense em crescimento e desenvolvimento desde o século XIX, caminhava numa corrente de expansão com os projetos de modernização da capital, com a fundação destes novos jornais e já tendo sido fundados os primeiros núcleos de saber, como a Academia Francesa, o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Cearense, a Biblioteca Pública, a Padaria Espiritual. Como afirma Silva Nobre, estas agremiações e entidades intelectuais surgiram não só na capital como também no interior, em cidades como Quixadá onde a família de Rachel de Queiroz possuía suas terras (NOBRE, 1992, p.10).

Apesar das dimensões de Fortaleza serem muito menores que as da capital federal ou de São Paulo, constituía a sétima capital do país em número populacional. E, na esteira dos projetos de higienização e reforma urbana típicos deste período, abrigou a construção de lojas e cafés com nomes franceses, além de outros estabelecimentos comerciais em volta da Praça do Ferreira, centro pulsátil da cidade (PONTE, 1999, p.15.).

Dito isto, é provável que a jovem autora cearense circulasse nesta praça e no passeio público com sua família e amigos, ditando a moda Fortalezense da época e participando desde jovem dos círculos e discussões intelectuais. Pode-se perceber por fotos de Rachel de Queiroz na década de 1930 como suas vestimentas e corte de cabelo estão de acordo com a moda de elite que circulava na cidade, apesar de a autora estabelecer forte ligação com o interior sertanejo.

Os cabelos curtos e vestidos acima das canelas, cobertos pelas meias de seda eram a sensação das chamadas *melindrosas*<sup>5</sup> dos anos 1920 e a favor de quem Rachel, ainda sob o pseudônimo de Rita de Queluz, escreve um irônico texto em 24 de abril de 1928:

---

<sup>5</sup> Segundo Cleusa da Silva, a melindrosa encarnava a figura da mulher moderna, em última moda copiada do cinema americano ou das modas de Paris. No entanto, eram vistas em geral como frívolas, interesseiras e extremamente vaidosas. Apesar de Rachel defendê-las neste artigo, usa de extrema ironia para desculpar as futilidades destas jovens modernas. Ver SILVA, C. G. da. **Modernizando o**



## II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

7

Pobres melindrosas gentis! São o mais delicioso objeto que povoa e lantejoula as ruas dolorosas de nossa Fortaleza colonial e calcetada.

Tão frágeis e multicores na floração violenta dos *etamines* berrantes, no vermelhão sanguíneo da boca, no negro refulgente ou no loiro oxigenado da cabeleira à *garçonne*!

Ninguém descobre nelas senão uma encantadora e colorida bonequinha de *guignol* que com precisão automática cavalga nos saltos a Luis XV, maneja o *baton*, e atravessa em bamboleios estudados as ruas pobres que o sol enriquece com seu oiro...(QUEIROZ, 1928)

Ninguém melhor do que ela para tratar das mulheres modernas, ainda que condenando suas futilidades. Com apenas dezessete anos, colunista de jornal e professora da Escola Normal Rachel já estabelecia-se como escritora conhecida na região. Em 18 de junho de 1930 vemos a seguinte correspondência no *O Povo*:

Realizou-se ontem aqui magnífico baile no Salão Cariry, ricamente iluminado, oferecido à escritora Rachel de Queiroz e senhorinha Alba Frota, pelo casal dr. Leão Sampaio compareceu um grande número de famílias. Rachel de Queiroz foi saudada pelo advogado Duarte Junior e dr. Amora Maciel, recitando ela numerosos versos de sua autoria. O baile foi o mais suntuoso e distinto em nosso meio (O POVO, 1930).

De fato, constituem-se em poemas a maior parte dos artigos enviados por Rachel ao jornal. Versando sobre temas bucólicos, mitos regionais ou religião demonstram uma jovem em transformação e amadurecimento literário, consolidando-se aos poucos como jornalista e escritora. Na semana anterior ao baile acima descrito já podia-se encontrar o anúncio do primeiro romance de Rachel de Queiroz, abandonado o pseudônimo: *O Quinze* tinha como vendedora exclusiva a livraria Moraes, por 6\$000.

Ao mesmo tempo em que lançava seu primeiro romance, a autora aparece em fotos com os cabelos à *garçonne* e o vestido leve e modelado, acima das canelas, na festa onde receberia o título de Sua Majestade, Rainha dos Estudantes Cearenses de 1930.

Por ironia do destino ou não, Rachel havia sido eleita com mais de 2000 votos dos estudantes cearenses para “reinar a mocidade das escolas com o cetro”, no mesmo concurso que ela havia ironizado três anos antes. A cerimônia bem que fora adiada devido a algumas viagens que a autora deveria fazer a Estabelecimentos de Ensino do interior, mas logo foi reagendada para 26 de julho de 1930.

---

**Casamento:** a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940).141 f. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2001.





## II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

8

É, portanto, inegável que o nome de Rachel de Queiroz circulasse não somente nos círculos intelectuais cearenses como também no ambiente estudantil, seu maior eleitorado (CUNHA, 1995). Assim como algumas rainhas antes dela, como Suzana de Alencar, Rachel era considerada escritora, onde *O Quinze* não foi a princípio tido como um milagre mas o resultado de uma vivência na área da escrita que havia se iniciado com sua profissionalização no jornal e na prática pedagógica. Aqui podemos lembrar a personagem de Conceição nas primeiras páginas do romance:

Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse *umas idéias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô.

Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente destas leituras é que lhe saíam as piores das tais *idéias*, estranhas e absurdas à avó.

Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para seu uso idéias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa (QUEIROZ, 1985, p.4).

A personagem retrata muito do que a própria Rachel encontrava em seu círculo de amigas mais próximo, mulheres que participavam de salões literários, organizavam saraus, escreviam e publicavam em jornais, começavam a ser reconhecidas por sua escrita um pouco para além do nome da família e da posição social. Um exemplo é o de Henriqueta Galeno, filha de Juvenal Galeno<sup>6</sup>, e fundadora do Salão intelectual que tinha como nome o de seu pai. Segundo Rachel de Queiroz (1989, p.7), Henriqueta era a alma de toda a agitação intelectual que se processava em torno do poeta, “ela que aliciava declamadoras, poetas e conferencistas para as tertúlias semanais, ela que se encarregava de festejar visitantes ilustres, ela, afinal, que se responsabilizava por toda a parte social e festiva da modesta vida literária cearense de então”.

Assim que *O Quinze* saiu nas bancas Henriqueta foi uma das primeiras a homenagear a jovem autora, promovendo um baile:

Festejando o aparecimento do apreciado romance *O Quinze*, o salão Juvenal Galeno abrirá hoje suas portas para recepcionar a escritora Rachel de Queiroz, realizando-se ali brilhante serão literário-musical em homenagem à jovem e talentosa beletrista (O POVO, 1930).

---

<sup>6</sup> Juvenal Galeno (1836-1931), poeta, contista e folclorista cearense, foi diretor da Biblioteca Pública e professor da Escola Militar. Também participou da fundação do Instituto do Ceará. Nos anos 1920, apesar de já idoso e cego, era um dos grandes nomes intelectuais na pequena Fortaleza.



Neste sentido, os salões eram de fato um foco irradiador de influências e um espaço indispensável no ingresso das mulheres no fechado sistema de produção intelectual (ELEUTÉRIO, *Op Cit.* p.26). Henriqueta Galeno (O POVO, 1930), no dia da festa de homenagem, exalta o nome de Rachel de Queiroz e a previne das adversidades da carreira intelectual para uma mulher em sua época, principalmente através do que classifica como “fuxicos literários”. Conversas, intrigas, ironias, formas sutis de desmerecer e zombar da escrita feminina, disfarçando a mordacidade pelo humor.

Não é à toa que nota-se neste final do século XIX e início do XX, tempo de profissionalização das mulheres na escrita, uma autopromoção feminina. Basta para isso observar os diversos jornais de tema e edição feminina publicados nesta época<sup>7</sup>.

Um outro ponto importante a destacar é um novo olhar que pode ser lançado sobre a recepção de *O Quinze*, normalmente tido como bem recebido no Centro-Sul do país mas pouco valorizado na capital cearense. Assim afirma Acioli (2003, p.57) em biografia acerca de Rachel de Queiroz:

A recepção no Ceará não foi das melhores. Apareceram algumas críticas dizendo que o livro era impresso em papel inferior e que não havia sido escrito por Rachel e sim por seu pai ou pelo escritor Beni de Carvalho. Esse boato foi espalhado em notas, por outro escritor que frequentava a mesma roda de literatos de Rachel, em Fortaleza. (...). Se no Ceará a crítica se resumiu a esta mesquinhez, foi tudo muito diferente no sudeste do país.

No entanto, o que se percebe pela análise do jornal *O Povo* nos meses que marcam a estréia do romance até a publicação da crítica de Augusto Frederico Schmidt reproduzida pelo jornal em 04 de setembro de 1930, é que o romance provocou diversas reações na capital cearense. De um lado tem-se a versão da própria Rachel acerca daqueles que desclassificaram o romance pela pouca qualidade da impressão ou desconfiaram de sua autoria (QUEIROZ; QUEIROZ, 1999, p.37). Por outro lado o jornal *O Povo*, do qual Rachel era já bem conhecida, insistiu em divulgar todas as homenagens e críticas positivas feitas à autora e posteriormente reproduzir as críticas literárias publicadas no Centro-Sul do país e favoráveis ao romance. Além disso, o apoio que Rachel teve das mulheres envolvidas com a intelectualidade é muito

---

<sup>7</sup> Ver TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/ Unesp, 1997. p. 401- 442; SILVA, C. G. da. *Op Cit.*



importante, pois foi através delas que a capital cearense voltou suas atenções à jovem romancista e a seu primeiro livro.

Sendo assim, diferentemente do que se costuma pensar acerca da carreira literária de Rachel de Queiroz, ela começou timidamente como a da maior parte das mulheres que escreviam à sua época. Família e amigos foram fundamentais na sua inserção na imprensa, onde aprendeu e conviveu com outros intelectuais, entre eles mulheres em sua mesma situação. A prática jornalística, aliada à ampliação de sua rede de sociabilidades auxiliou na promoção e divulgação de seu trabalho intelectual, que foi aos poucos servindo como instrumento para a escrita de um primeiro romance.

Apesar do presente texto não ter a intenção de explorar todas as características da recepção que *O Quinze* teve à época, percebe-se que, para além da reação surpreendente no Centro-Sul do país, o romance teve seus prós e seus contrários na capital onde primeiro foi divulgado. Entre os prós estavam aquelas mesmas mulheres que vinham já convivendo e conhecendo Rachel de Queiroz através da imprensa e do convívio em sociedade, mulheres em geral de elite, bem educadas e preocupadas com a educação e promoção intelectual feminina.

Por fim, cabe destacar as várias possibilidades que a trajetória biográfica de Rachel de Queiroz pode sugerir ao pesquisador ou à pesquisadora preocupados com a construção de uma história da escrita de mulheres no Brasil. O sucesso que a autora cearense conheceu ao longo da vida foi uma exceção frente à produção de muitas outras mulheres anteriores ou posteriores a ela. Realizar este tipo de comparação ajuda a perceber que o ambiente literário brasileiro, por mais que fosse constituído quase exclusivamente por homens, não ignorava de todo a participação feminina e, em alguns casos, até a apoiava.

### **Referências bibliográficas**

ACIOLI, S. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

CUNHA, C. Rachel antes do O Quinze. **O Povo**. 11.11.1985.

ELEUTÉRIO, M. de L. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.



MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002.

NOBRE, F. S. **Da Padaria Espiritual à Semana de Arte Moderna**. Fortaleza: Edarl, 1992.

RUSS, J. **How to suppress Women's writing**. Austin: University of Texas Press, 1983.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860/1930)**. Fortaleza: Fundações Demócrito Rocha, 1999.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, n 16(2), jul/dez,1990.

SILVA, C. G. da. **Modernizando o Casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)**.141 f. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2001.

SOIHET, R. & PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.27. n.54, p.281-300, 2007.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/ Unesp, 1997. p. 401- 442.

### Fontes

BARROS, Jaime de. Tendências do Romance Brasileiro. In: **Anuario Brasileiro de Literatura**. 1940. p. 53-54.

GALENO, H. Palavras da D. Henriqueta Galeno na festa do *O Quinze*. **O Povo**. 11.08.1930.

Homenagem do salão Juvenal à autora de “O Quinze”. **O Povo**. 08.08.1930.

QUEIROZ, R. de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.

\_\_\_\_\_. Reprodução da Carta de Rita de Queluz. **O Povo**. 06.08.1930. Original de 27.01.1927.

\_\_\_\_\_. A Alma da Melindrosa. **O Povo**. 24.03.1928.



## II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais *Culturas, leituras e representações*

12

\_\_\_\_\_. & QUEIROZ, M. L. de. **Tantos Anos**. Rio de Janeiro: ARX, 1999.

SCHMIDT, A. F. Uma revelação – O Quinze. In: **As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas**. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930. Reeditado em QUEIROZ, R. de. **Obra Reunida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 6-9.